



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**



**HABILIDADES ESSENCIAIS PARA APROPRIAÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA**

**Manaus - AM**  
**2025**

**EDUARDA MARYELLY NASCIMENTO DOS SANTOS**

**HABILIDADES ESSENCIAIS PARA APROPRIAÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso superior de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Raiolanda Camargo

**Manaus - AM**

**2025**

# HABILIDADES ESSENCIAIS PARA APROPRIAÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA

Eduarda Maryelly Nascimento Dos Santos

Raiolanda Magalhães Pereira de Camargo

## RESUMO

O presente trabalho apresenta o tema sobre as habilidades essenciais para apropriação da escrita alfabética. O estudo pretende abordar o sistema de escrita alfabético (SEA), objeto da alfabetização, além dos níveis psicogênicos, descrevendo também as propriedades, estratégias didáticas, e habilidades necessárias para alfabetização. Utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica com levantamento através de artigos e livros de autores renomados acerca do tema. Conclui-se que aprender a ler e a escrever implica em um longo percurso de apropriação das propriedades do sistema de escrita alfabético que resultará no avanço progressivo das hipóteses de escrita das crianças, implicando, portanto, em intervenções adequadas pelos alfabetizadores de modo a garantir o direito inalienável da alfabetização para todas as crianças.

**Palavras-chave:** Sistema de Escrita Alfabético; Habilidades de alfabetização; Desenvolvimento psicogenético

## ABSTRACT

This paper presents the essential skills for mastering alphabetical writing. The study aims to address the alphabetic writing system (AWS) beyond psychogenic levels, also describing its properties, teaching strategies, and literacy skills. Its main objective is to clarify the alphabetic writing system. Literacy must be understood as a process of constructing knowledge about the alphabetic system, together with the practice of reading and writing. A literature review methodology was used, including database articles and books by authors on the topic. The research results were considered positive, as the objective was achieved. It is concluded that learning to write using the alphabet involves developing skills that help understand how written language works. This includes making connections between sounds, letters, and their meanings, in a constant process of learning and building knowledge about the language.

**Keywords:** Writing. Literacy. Alphabetic Writing System.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está centrada no campo da alfabetização e letramento, focando nas habilidades essenciais para a apropriação do sistema de escrita alfabética (SEA). De acordo com Morais (2012) vivemos em um país cujos índices de fracasso na alfabetização vêm se reduzindo, mas continuam inaceitáveis. Embora haja melhorias, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir que todos tenham o seu direito inalienável de inserção na cultura escrita.

Levando em conta o atual cenário, compreende-se a necessidade de conhecermos as habilidades essenciais para a aprendizagem do SEA, que serão desenvolvidas a partir do gradativo conhecimento sobre suas propriedades. Um sistema de escrita alfabética que apresenta uma base sonora e gráfica e que vai tornando-se conhecido a partir das interações das crianças com os diversos textos que circulam socialmente.

De acordo com Soares (2020), a criança vive, assim, desde muito pequena, antes mesmo de sua entrada na escola, um processo de construção do conceito de escrita por meio de experiências com a língua escrita nos contextos sociocultural e familiar. Por estarem inseridas no mundo da escrita, as crianças passam, portanto, a ter curiosidade sobre esse objeto, fazendo perguntas e a criar hipóteses sobre o que a escrita representa: O que esses pontinhos pretos representam? O que posso falar, posso escrever, portanto também posso ler, dentre outras.

Nesse processo de interação com a linguagem escrita, elas começam a entender que a escrita é composta por símbolos que representam sons e palavras e que possuem significados específicos. Conforme Morais (2012), a compreensão do sistema de escrita alfabética se dá por etapas, portanto há duas questões principais que as crianças devem encontrar as respostas, que são: O que as letras representam? Como as letras criam representações?

Diante disso, ancoraremos nossa pesquisa, mais especificamente em dois importantes autores de referência no campo da alfabetização do Brasil, como Soares (2020) e Morais (2012) que trazem contribuições pertinentes sobre aspectos conceituais e metodológicos referentes a apropriação do sistema de escrita alfabética, com diferentes procedimentos didáticos

O estudo adota uma abordagem qualitativa, focando em um nível de realidade que não é mensurável, ou seja, lida com um conjunto de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2014). De acordo com o autor, a pesquisa qualitativa emprega descrições, comparações e interpretações em vez de se fundamentar em estatísticas, normas e generalizações.

Além disso, a pesquisa é classificada como descritiva, com o propósito de caracterizar um grupo populacional ou fenômenos específicos, coletando opiniões e crenças de uma população particular (Lakatos; Marconi, 2017).

Em relação aos métodos empregados na coleta de dados, o estudo utilizou a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é uma forma específica de produção científica, pois se baseia em textos como livros, artigos acadêmicos, revistas e resumos (Lakatos; Marconi, 2017).

Os instrumentos de coleta de dados empregados para a composição desta pesquisa foram através de uma revisão bibliográfica com levantamento através de artigos e os livros dos autores Arthur Gomes de Moraes (2012) e Magda Soares (2020) e Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) que foram utilizados como base.

A pesquisa está organizada em duas seções. Na primeira apresentamos as propriedades do sistema de escrita alfabética, considerado o objeto da alfabetização e sua relação com o desenvolvimento das hipóteses de escrita e na segunda seção apresentamos estratégias didáticas para o desenvolvimento das habilidades básicas de alfabetização e o avanço no desenvolvimento psicogênico.

## **1. Propriedades do sistema de escrita alfabética (SEA): o objeto da alfabetização**

A apropriação da escrita alfabética e seus princípios reguladores são essenciais para o desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas das crianças. Esse processo permite que os alunos compreendam o funcionamento da linguagem escrita de modo a adquirirem as habilidades consideradas básicas para esse aprendizado.

No livro “O sistema de escrita alfabética” (2012) de autoria de um importante pesquisador brasileiro no campo da alfabetização, Artur Gomes de Moraes discute a escrita como um sistema notacional, que vai além das correspondências entre fonemas (sons) e grafemas (letras), implicando em um sistema de representação que vai sendo compreendido de forma gradativa pelas crianças.

Segundo o referido autor, o processo de alfabetização envolve a compreensão de que a escrita é um conjunto de convenções visuais que representa a linguagem de maneira estável e padronizada. E para se apropriar deste sistema, a criança precisa entender e dominar as características da escrita, como a estabilidade e a regularidade, para perceber que as letras representam sons de maneira consistente. Esta perspectiva, desafia a forma de ensino tradicional, que frequentemente se concentra na memorização de sílabas e palavras descontextualizadas, focadas em treinamento caligráfico.

De acordo com Moraes (2012) A escrita alfabética é entendida como um sistema notacional porque vai além de um simples código de correspondência fixa entre letras e sons. Diferentemente de sistemas como o código Morse, que exige apenas a memorização de equivalências pré-determinadas, a escrita alfabética demanda uma compreensão complexa das relações entre os elementos sonoros e gráficos. Esse sistema permite representar a língua falada por meio de convenções que envolvem aspectos linguísticos, cognitivos e culturais, exigindo do aprendiz a construção ativa de significados.

Conforme exposto por Moraes (2012), a ideia de "codificar" e "decodificar" palavras, associada a uma visão tradicional da alfabetização, reduz a escrita a um processo mecânico e simplista. Essa perspectiva, enraizada em uma abordagem empírica/associacionista, ignora o papel ativo do aprendiz na construção do conhecimento. Moraes defende que expressões como "código", "decodificar" e

"codificar" devem ser evitadas, pois criam uma imagem equivocada e subestimam o trabalho cognitivo necessário para a alfabetização. Assim, "a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional", como afirmam Ferreiro e Teberosky (1999).

No sistema de escrita alfabética (SEA), as letras representam fonemas, que são as menores unidades sonoras da fala. Contudo, essa relação não é direta nem fixa, já que a correspondência entre letras e sons varia conforme o idioma, o contexto fonológico e as regras ortográficas. Por isso, o aprendiz não lida apenas com formas gráficas isoladas; ele precisa internalizar as combinações de letras e entender como elas representam os sons da fala de maneira significativa. Segundo a teoria da psicogênese da escrita, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky, o aprendiz percorre diferentes etapas até compreender que as letras são representações abstratas de fonemas, revisitando e reconstruindo suas hipóteses iniciais ao longo do processo.

Um exemplo que reforça a diferença entre a escrita alfabética e um simples código é o próprio código Morse. Para utilizá-lo, basta memorizar quais sequências de sinais correspondem a cada letra ou número, pois o sistema opera com base em equivalências fixas. No entanto, o sistema alfabético é muito mais complexo: ele exige que o aprendiz compreenda não apenas as relações entre fonemas e grafemas, mas também os padrões e convenções que regulam essas relações. Como explica Morais (2012), a visão de que basta decorar as formas gráficas "veicula uma imagem errônea e falsamente simplificada do trabalho cognitivo que qualquer aprendiz precisa fazer para se alfabetizar".

Além disso, a teoria da psicogênese da escrita evidencia que o sistema alfabético não apresenta suas regras de funcionamento como algo "pronto" para o aprendiz. Inicialmente, a criança não compreende como as letras funcionam ou como elas se relacionam com os sons da fala. Até compreender que a escrita representa o som da fala e descobrir o valor sonoro de todas as letras, terá que fazer um longo percurso evolutivo de construção e reconstrução de hipóteses. Isso demonstra que "a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas internalizar as convenções de um sistema" (Ferreiro e Teberosky, 1999).


Por fim, o caráter notacional da escrita reside em sua capacidade de representar a língua de forma dinâmica e adaptável. Diferentemente de sistemas

puramente mecânicos, como o Morse, a escrita alfabética permite a interpretação e a criação de significados. Segundo Morais (2012), “ao invés de transmitir as convenções prontas, a escola deve possibilitar ao aprendiz reconstruí-las por meio de sua interação com o sistema”. Isso reflete a importância de um ensino que valorize o papel ativo do aprendiz, promovendo uma apropriação significativa do sistema notacional que é a escrita alfabética.

Assim, ao se abordar o tema, deve-se levar em consideração que essa aprendizagem da escrita como um sistema notacional deve considerar as propriedades e normas que as crianças não alfabetizadas precisam dominar, posto que é a partir desta compreensão que as crianças irão responder as duas importantes questões sobre o que a escrita nota e como cria as representações. Morais (2012) apresenta essas perguntas, definidas por ele como um enigma, cujas repostas são respectivamente, a escrita representa o som da fala e as representações, palavras são criadas a partir da ordem, quantidade e repertório de letras usadas.

O quadro a seguir ilustra as propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado:

**Quadro 1: Propriedades do SEA**

<p>1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;</p>	
<p>2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);</p>	<p>pia bata quente dia data dente</p> <p>B b D d P p B b D d P p</p>
<p>3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;</p>	<p>A G O T G A T O</p>
<p>4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo</p>	<p>B A R R A C A</p>

tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;	<b>C A B R A</b>																										
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;																											
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;	 <b>TREM      BICICLETA</b>																										
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;	<table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td><b>P</b></td><td><b>A</b></td><td><b>T</b></td><td><b>O</b></td></tr> <tr><td>P</td><td>R</td><td>A</td><td>T</td><td>O</td></tr> <tr><td>P</td><td>A</td><td>R</td><td>T</td><td>O</td></tr> </table>	<b>P</b>	<b>A</b>	<b>T</b>	<b>O</b>	P	R	A	T	O	P	A	R	T	O												
<b>P</b>	<b>A</b>	<b>T</b>	<b>O</b>																								
P	R	A	T	O																							
P	A	R	T	O																							
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.	<table style="width: 100%;"> <tr><td>JANELA</td><td>PASSADO</td></tr> <tr><td>CAMA</td><td>ADOÇADO</td></tr> <tr><td>EXAME</td><td>CHALEIRA</td></tr> <tr><td>ENXADA</td><td>XADREZ</td></tr> </table>	JANELA	PASSADO	CAMA	ADOÇADO	EXAME	CHALEIRA	ENXADA	XADREZ																		
JANELA	PASSADO																										
CAMA	ADOÇADO																										
EXAME	CHALEIRA																										
ENXADA	XADREZ																										
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.	<p>A <b>secretária</b>, na <b>secretaria</b>, disse a Antônio, seu chefe, que estava muito gripada.</p> <p>– Não me <b>medico</b>! Vou sim ao <b>médico</b>. E já! – exclamou.</p> <p>Ela, <b>sáb</b>ia, <b>sab</b>ia dos riscos da famosa automedicação.</p> <table style="width: 100%; text-align: center;"> <tr><td><b>BEBE</b></td><td>COCO</td><td>FORRO</td><td>AÍ</td><td>LA</td><td>FA</td></tr> <tr><td><b>BEBÊ</b></td><td>COCÔ</td><td>FORRÓ</td><td>AI</td><td>LÃ</td><td>FÃ</td></tr> </table>	<b>BEBE</b>	COCO	FORRO	AÍ	LA	FA	<b>BEBÊ</b>	COCÔ	FORRÓ	AI	LÃ	FÃ														
<b>BEBE</b>	COCO	FORRO	AÍ	LA	FA																						
<b>BEBÊ</b>	COCÔ	FORRÓ	AI	LÃ	FÃ																						
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.	<table style="width: 100%;"> <tr><td><b>CV</b></td><td><b>CAVALO</b></td></tr> <tr><td><b>CCV</b></td><td><b>GRALHA</b></td></tr> <tr><td><b>CVV</b></td><td><b>IGUANA</b></td></tr> <tr><td><b>CVC</b></td><td><b>BORBOLETA</b></td></tr> <tr><td><b>V</b></td><td><b>ABELHA</b></td></tr> <tr><td><b>VC</b></td><td><b>ANTA</b></td></tr> <tr><td><b>VCC</b></td><td><b>OBSTÁCULO</b></td></tr> <tr><td><b>CCVCC</b></td><td><b>TRANSPORTE</b></td></tr> <tr><td><b>CVVV</b></td><td><b>URUGUAI</b></td></tr> <tr><td><b>VV</b></td><td><b>AULA</b></td></tr> <tr><td><b>CCVV</b></td><td><b>TREINO</b></td></tr> <tr><td><b>CCVC</b></td><td><b>ATRÁS</b></td></tr> <tr><td><b>CVCC</b></td><td><b>SUBSTANTIVO</b></td></tr> </table>	<b>CV</b>	<b>CAVALO</b>	<b>CCV</b>	<b>GRALHA</b>	<b>CVV</b>	<b>IGUANA</b>	<b>CVC</b>	<b>BORBOLETA</b>	<b>V</b>	<b>ABELHA</b>	<b>VC</b>	<b>ANTA</b>	<b>VCC</b>	<b>OBSTÁCULO</b>	<b>CCVCC</b>	<b>TRANSPORTE</b>	<b>CVVV</b>	<b>URUGUAI</b>	<b>VV</b>	<b>AULA</b>	<b>CCVV</b>	<b>TREINO</b>	<b>CCVC</b>	<b>ATRÁS</b>	<b>CVCC</b>	<b>SUBSTANTIVO</b>
<b>CV</b>	<b>CAVALO</b>																										
<b>CCV</b>	<b>GRALHA</b>																										
<b>CVV</b>	<b>IGUANA</b>																										
<b>CVC</b>	<b>BORBOLETA</b>																										
<b>V</b>	<b>ABELHA</b>																										
<b>VC</b>	<b>ANTA</b>																										
<b>VCC</b>	<b>OBSTÁCULO</b>																										
<b>CCVCC</b>	<b>TRANSPORTE</b>																										
<b>CVVV</b>	<b>URUGUAI</b>																										
<b>VV</b>	<b>AULA</b>																										
<b>CCVV</b>	<b>TREINO</b>																										
<b>CCVC</b>	<b>ATRÁS</b>																										
<b>CVCC</b>	<b>SUBSTANTIVO</b>																										

**Fonte: Morais (1988, p.108) e SME Curitiba**

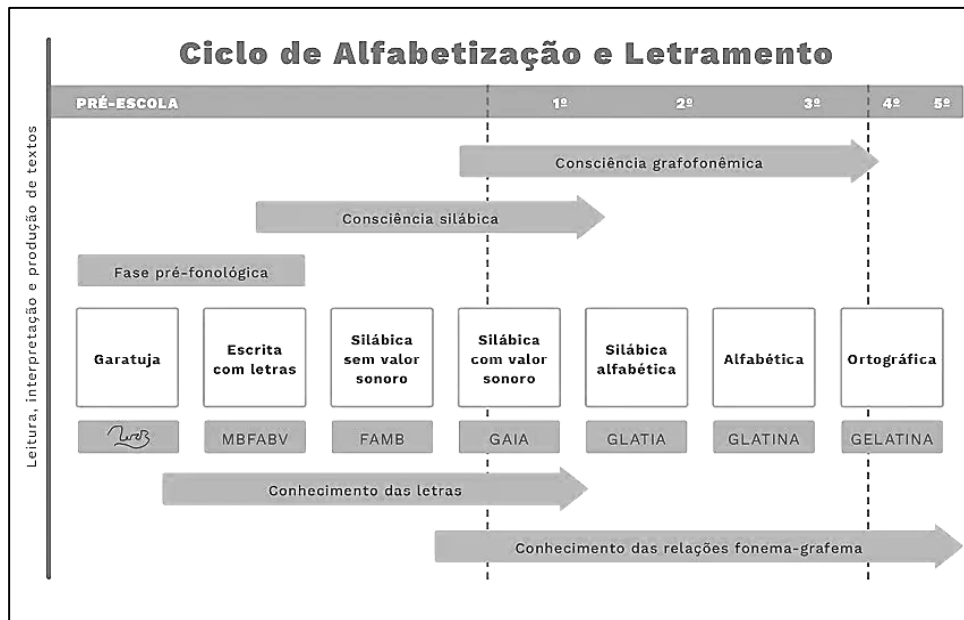
Cabe salientar que é justamente a apropriação gradativa dessas propriedades do SEA que permitirão que os aprendizes da língua escrita avancem nos níveis de conceitualização de leitura e de escrita, desenvolvendo as habilidades consideradas essenciais para que seja considerado alfabetizado. Esse avanço está diretamente relacionado ao modo como as crianças constroem e reorganizam suas hipóteses sobre a escrita ao longo do processo de alfabetização, aspecto que será aprofundado na subseção seguinte, ao tratar do desenvolvimento psicogenético e de sua relação com as habilidades básicas de alfabetização.

### **1.1. O desenvolvimento psicogênico e sua relação com o desenvolvimento das habilidades básicas de alfabetização**

A psicogênese da língua escrita, teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) que provocou uma verdadeira revolução conceitual no campo da alfabetização ao desviar o olhar para o processo de ensino e focar na aprendizagem da língua escrita por parte das crianças é de suma importância para a compreensão de que os aprendizes da língua são ativos nesse processo de construção do conhecimento. Implica, portanto, em mediações pedagógicas que convidem os estudantes a refletirem sobre a língua para que progressivamente desenvolvam as habilidades essenciais para a leitura e a escrita.

Morais (2012) e Soares (2020) descrevem com propriedade as hipóteses de escrita, estabelecendo relação com o desenvolvimento das capacidades necessárias para alfabetização como: estabilidade da escrita, reconhecimento de letras, consciência silábica, consciência fonológica e consciência fonêmica. que resultará no domínio das relações entre letras entre fonemas e grafemas, também chamada de correspondência grafofônica.

**Figura 1: Ciclo de alfabetização e letramento**



**Fonte: Soares (2020)**

A ilustração acima descreve as etapas que os pequenos atravessam durante o processo de aprendizagem da escrita, iniciando com os primeiros traços até alcançar a escrita padrão. Cada fase representa uma suposição que a criança elabora sobre o funcionamento da escrita.

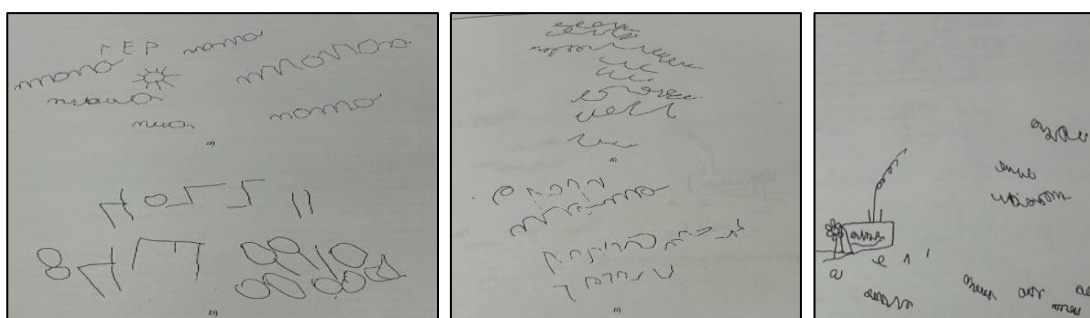
A seguir, um resumo dos níveis de acordo com Emília Ferrero e Ana Teberosky (1999): A fase pré-silábica, primeiro nível do desenvolvimento da escrita infantil, é caracterizada pela incapacidade da criança de distinguir relações entre fala e escrita. Nesse período, predominam associações baseadas em critérios não convencionais, como a vinculação entre o tamanho do objeto e o da palavra: a criança acredita que objetos grandes devem ter nomes longos, enquanto objetos pequenos seriam representados por palavras curtas.

A criança espera que a escrita, o nome, seja proporcional ao tamanho (ou idade) dessa pessoa. [...] 'A(s) letra(s) do próprio nome é o nome do meu papai. O nome de meu pai é mais comprido porque é grande, e o meu é mais curto porque sou pequeno (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 194).

A escrita, nesse contexto, é constituída por símbolos heterogêneos como: letras, números, riscos ou garatujas, que se misturam livremente, sem que haja separação clara entre sistemas alfabéticos e numéricos.

Além disso, há uma indiferenciação entre desenho e escrita, já que ambos são vistos como formas equivalentes de representação. A criança não atribui funções específicas a cada modalidade. Esse processo evidencia a construção de hipóteses iniciais sobre a escrita, antecedendo a descoberta do princípio alfabético.

**Figura 2, 3 e 4: Primeiro nível de escrita**



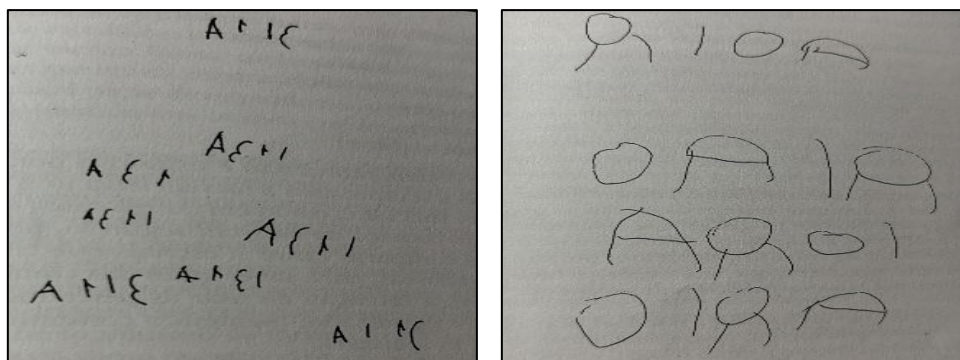
**Fonte: (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 195-197)**

Ao observar as imagens acima é possível notar três maneiras da representação da escrita. Na imagem 2, observa-se o uso de garatujas, organizadas de maneira diferenciada, indicando uma tentativa inicial de estruturar graficamente suas produções. Na imagem 3, além das garatujas, a criança recorre a representações por meio de desenhos, evidenciando a ausência de uma separação clara entre a escrita e o desenho. Já na imagem 4, percebe-se a presença de algumas letras misturadas com números, revelando um estágio em que a criança ainda não distingue plenamente os diferentes sistemas de notação, mas já busca se aproximar da escrita convencional.

Avançando de estágio, entramos na fase do Pré-Silábico 2, que de acordo com as autoras: "A hipótese central deste nível é a seguinte: Para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas [...] segue-se trabalhando com a hipótese de que faz falta uma certa quantidade mínima de grafismos para escrever algo e com a hipótese da variedade nos grafismos" (Ferreiro; Teberosky, 1999).

Entre as características essenciais dessa fase, destaca-se inicialmente a compreensão de que palavras diferentes exigem grafias diferentes. A criança passa a buscar variações entre suas escritas, ainda que sem dominar o código alfabético convencional. Outro aspecto central é a manutenção da hipótese da quantidade mínima e da variedade de caracteres. A criança acredita que para "ler algo" é necessário ter no mínimo três ou quatro letras ou símbolos. Além disso, evita a repetição das mesmas letras, procurando variedade para garantir a validade da escrita. Por exemplo, dificilmente escreverá "AAA" para representar "mamãe". Em vez disso, optará por combinar letras e até números, como visto em exemplos como "A 1 1 C", ainda que sem relação fonética com o que se pretende escrever.

**Figura 5 e 6: Segundo nível de escrita**



**Fonte: (Ferreiro; Teberosky, 1999, p.203)**

A análise de exemplos ilustra essas características. No caso da imagem 5, observa-se a repetição da escrita "A 1 1 C" em sequência. Essa produção demonstra respeito à quantidade mínima de caracteres, busca por variedade gráfica (letras e números) e tentativa de padronização, o que sugere uma busca por estabilidade interna na escrita. Já no caso da imagem 6, a criança alterna entre "A 1 0 A" e "MAIS", revelando a diferenciação entre grafias, o início da transição entre números e letras e, possivelmente, a reprodução de uma escrita convencional ("MAIS"), fruto da observação de modelos externos.

Neste estágio (3º nível silábico), a criança passa a atribuir um valor sonoro a cada letra utilizada na sua escrita, mesmo que de maneira ainda incipiente. Como afirmam as autoras, "o nível 3 está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa

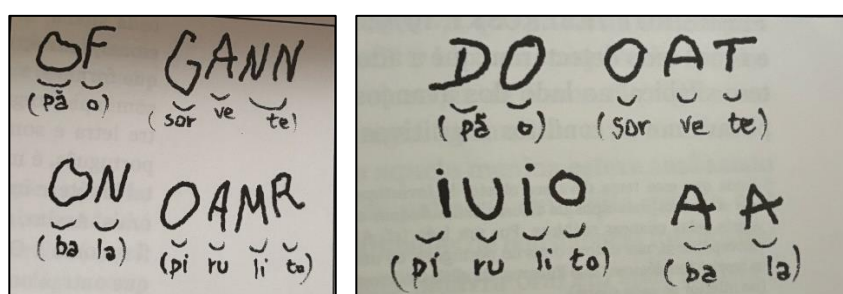
por um período de maior importância: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento do que chamaremos a hipótese silábica.

Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes" (Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 209). Esse avanço indica que a criança não apenas reconhece que a escrita representa a fala, mas também busca, ainda que de modo não convencional, estabelecer correspondências sistemáticas entre letras e sons.

Entre as principais características dessa fase, destaca-se o esforço da criança em relacionar sons e letras de forma mais organizada. A escolha das letras é fundamentada nos fonemas que ela identifica nas sílabas, frequentemente dando prioridade aos sons mais evidentes, como as consoantes que iniciam palavras ou as vogais acentuadas. A quantidade de letras utilizadas geralmente segue a regra de uma letra por sílaba, embora possa haver variações dependendo da percepção sonora individual de cada criança.

Ademais, são comuns os erros de representação sonora, nos quais as letras selecionadas não correspondem exatamente aos fonemas corretos; no entanto, a intenção de representar os sons é evidente, indicando um avanço considerável em comparação com os estágios anteriores da escrita.

**Figura 7 e 8: Terceiro nível de escrita**

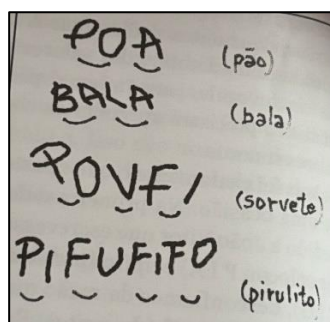


**Fonte: (Morais, 2012, p.59)**

Chegamos ao quarto nível, denominado silábico-alfabético, é um período crucial no processo de alfabetização, marcado pela transição entre a hipótese silábica e a compreensão plena do sistema alfabético. Nessa etapa, a criança começa a perceber que a escrita não representa apenas sílabas, mas também os fonemas que as compõem.

Como destacado por Morais (2012, p.62) "a criança que já descobriu o que a escrita alfabética nota (a pauta sonora, ou seja, as partes orais das palavras que falamos), em lugar de achar que se escreve colocando uma letra para cada sílaba, descobre que é preciso 'pôr mais letras'. Essa descoberta exige uma reflexão mais aprimorada sobre a estrutura fonológica das palavras, avançando da consciência silábica para a consciência fonêmica.

**Figura 9: quarto nível de escrita**



**Fonte: (Morais, 2012, p.64)**

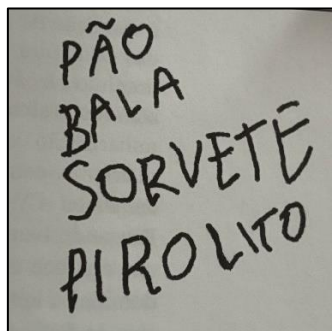
Um exemplo ilustrativo dessa fase pode ser observado na imagem acima. Onde a criança demonstra tentativas de escrita que misturam lógica silábica e alfabética. Palavras como "PIFUFIFO" (para "pirulito") revela a incorporação de algumas consoantes, ainda que de forma não convencional.

Esse processo reflete a complexidade como mencionado por Morais (2012, p. 62) "a complexidade [...] requerer, agora, um domínio muito maior das correspondências entre grafemas e fonemas. Esse é um período de intenso aprendizado, no qual a criança reconstrói suas hipóteses sobre a escrita, aproximando-se progressivamente do sistema alfabético.

A hipótese alfabética representa o quinto nível do desenvolvimento da escrita segundo a teoria da psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), denominado Alfabético. Nesta fase, as autoras descrevem que a criança já compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever.

Essa apropriação, no entanto, ainda é inicial, visto que a criança “comete muitos erros ortográficos”, uma vez que domina o princípio alfabético, mas ainda não domina as convenções ortográficas da língua escrita.

**Figura 10: Quinto nível de escrita**



**Fonte: (Morais, 2012, p.65)**

A ilustração acima mostra a criança escrevendo palavras como "PÃO", "BALA", "SORVETE" e "PIROLITO", todas com uma correspondência adequada entre a fala e a escrita. Embora ainda possam existir pequenas alterações, como em "PIROLITO" (em vez de "PIRULITO"), o essencial é que a criança já entende que a escrita deve representar, de forma linear e sonora, a fala.

Segundo as autoras, "a partir desse momento, a criança irá lidar com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido escrito" (Ferreiro; Teberosky, 1999, p.219), o que é perfeitamente natural neste processo de construção do conhecimento.

O aprimoramento da hipótese alfabética, como destaca Moraes (2012), exige oportunidades frequentes de leitura e escrita, além de atividades que desenvolvam o domínio das correspondências entre grafema e fonema e a familiarização com as estruturas silábicas da língua portuguesa. Isso porque, conforme explica Moraes, "o domínio da escrita alfabética implica não só o conhecimento e o uso cuidadoso dos valores sonoros que cada letra pode assumir, mas o desenvolvimento de automatismos nos processos de tradução do oral em escrito" (Moraes, 2012, p. 66).

Essa mudança representa a superação de hipóteses iniciais da escrita, como a crença de que qualquer sequência de letras pode representar qualquer palavra. Para

que isso ocorra, a criança precisa vivenciar práticas significativas de leitura e escrita, com destaque para o trabalho com palavras estáveis (como os nomes próprios) e o uso do alfabeto móvel, que promovem uma maior consolidação da relação entre som e grafia. Como destaca Morais, “a escrita alfabética exige que as letras substituam a ‘pauta sonora’ das palavras, e não características aleatórias dos objetos que elas nomeiam” (Morais, 2012, p. 51). Essa compreensão só se consolida quando a criança se envolve em situações em que manipula e reconhece palavras de forma estável (Morais, 2012, p. 118).

Complementando a perspectiva de Morais, Magda Soares (2020) também discute a estabilidade da escrita como aspecto central da alfabetização, articulando-a à perspectiva do letramento. Para a autora, “a estabilidade da escrita vai além da repetição mecânica das palavras; ela envolve a compreensão de que a escrita deve corresponder de maneira estável à palavra falada, respeitando a ortografia convencionalmente aceita” (Soares, 2020, p. 138).

Essa concepção amplia o entendimento da escrita como uma prática social regulada por convenções, indo além da dimensão técnica para alcançar a perspectiva cultural e comunicativa da linguagem.

Essa compreensão da escrita como representação estável da fala requer que a criança desenvolva habilidades específicas, especialmente aquelas que dizem respeito à estrutura sonora da linguagem. Entre essas habilidades, destacam-se: a consciência fonológica, a consciência silábica e a consciência fonêmica.

A consciência fonológica é entendida como um conjunto de competências que permite à criança reconhecer e manipular os sons da fala. Segundo Morais (2012, p. 84), “aquilo que chamamos ‘consciência fonológica’ é, na realidade, um grande conjunto ou uma ‘grande constelação’ de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras”

Dentro desse conjunto, a consciência silábica emerge como uma das primeiras habilidades, pois se baseia em unidades sonoras mais perceptíveis que os fonemas. Trata-se da capacidade de perceber que as palavras podem ser divididas em sílabas e de manipular essas unidades. Como explica Morais (2012, p. 96), “habilidades fonológicas que operam sobre sílabas [...] se apresentam como essenciais para o aprendiz fazer o percurso de reconstrução mental das propriedades do alfabeto”.

Magda Soares (2020) também destaca a emergência da consciência silábica logo na fase pré- fonológica, ou seja, antes mesmo de a criança dominar o princípio alfabético. Segundo a autora, “a seta Consciência silábica começa também na fase pré-fonológica [...]. É pela segmentação da cadeia sonora da fala (atividades de rima, aliteração, divisão de palavras em sílabas) que a criança passa a focalizar os sons da palavra, distinguindo significado e significante, o primeiro passo para o desenvolvimento da consciência fonológica” (Soares, 2020, p. 138). Ainda nesse estágio, observa-se a produção da escrita silábica sem valor sonoro, quando a criança utiliza letras aleatórias para representar cada sílaba, sem correspondência fonética. Como afirma Soares, “isso a leva de início à escrita silábica sem valor sonoro – uma letra, qualquer letra, para cada sílaba” (Soares, 2020, p.138).

À medida que avança na familiarização com as letras e seus sons, a criança passa a produzir a escrita silábica com valor sonoro, estabelecendo uma relação mais direta entre grafema e fonema. Soares afirma: “à medida que se amplia e aprofunda o conhecimento das letras e de sua relação com os sons das sílabas, leva-a à escrita silábica com valor sonoro, em que cada sílaba é representada por uma letra que corresponde a um de seus fonemas” (Soares, 2020, p. 138).

O passo seguinte é a transição para a escrita silábico-alfabética, em que a criança começa a introduzir mais de uma letra para representar os fonemas de uma mesma sílaba. “A criança começa, então, a introduzir em sua escrita silábica letras que representam mais fonemas – escrita silábico- alfabética. Observe que a seta Consciência silábica coexiste com a seta Conhecimento das letras, e a partir dela começa a estender-se a seta Consciência grafofonêmica” (Soares, 2020, p. 139).

Nesse ponto, a consciência fonêmica ganha maior relevância. Trata-se da habilidade de isolar e manipular os fonemas, as menores unidades sonoras das palavras. Essa habilidade é essencial para a transição à fase alfabética da escrita, em que a criança compreende que as letras representam fonemas de forma sistemática. Vale ressaltar que a consciência fonêmica é um refinamento da consciência fonológica, permitindo que as crianças percebam essas menores unidades linguísticas.

A consciência fonêmica desempenha papel fundamental no processo de alfabetização, pois contribui para o refinamento das relações entre fonemas e

grafemas, favorecendo a aquisição de automatismos e o domínio das regularidades ortográficas. Conforme destaca Morais (2012, p. 96), o domínio dessa habilidade “contribui decisivamente para o progresso do aprendiz”, uma vez que possibilita avanços mais consistentes na compreensão do sistema de escrita alfabética.

## **2. Estratégias didáticas para o desenvolvimento das habilidades básicas de alfabetização e avanço nas hipóteses de escrita**

A alfabetização vai muito além da simples decodificação de letras e sons. Envolve a construção de hipóteses sobre a leitura e a escrita, e, por isso, o educador deve ter um olhar sensível para esse processo. É fundamental possibilitar que as crianças tenham contato com diversos materiais lúdicos que contribuam para o seu desenvolvimento. O brincar e a ludicidade se inserem nesse contexto como importantes mediadores, capazes de favorecer os primeiros avanços nos níveis de conceitualização. Ao integrar o lúdico à aprendizagem, respeitam-se as formas próprias da criança aprender.

Compreender as propriedades do sistema de escrita alfabética e os estágios psicogenéticos da aprendizagem é apenas o primeiro passo no processo de alfabetização. Para que cada criança consiga avançar em suas hipóteses, é necessário que o professor planeje e elabore estratégias. Tais estratégias devem partir do nível em que cada criança se encontra, oferecendo um aprendizado significativo sobre o funcionamento da língua escrita.

Nesse sentido, segundo a teoria de Vygotsky (2007), a aprendizagem se dá de forma mais significativa quando ocorre na interação entre sujeitos, especialmente quando a criança é apoiada por alguém mais experiente, o que evidencia a importância da mediação e da zona de desenvolvimento proximal. Assim, cabe ao professor criar situações de ensino que não apenas transmitam conteúdos, mas que provoquem o aluno a reconstruir suas hipóteses, levando-o progressivamente à consolidação da escrita alfabética.

Entre as habilidades básicas de alfabetização, a consciência fonológica ocupa um lugar central, uma vez que possibilita à criança perceber que as palavras podem ser decompostas em unidades sonoras menores, como sílabas e fonemas. Para o

desenvolvimento dessa habilidade, atividades lúdicas e diversificadas são fundamentais, como jogos de rimas, trava-línguas, cantigas, manipulação de sílabas, alfabeto móvel, bingo das sílabas. Nesse mesmo sentido, Soares (2020, p. 138) afirma que a consciência silábica emerge antes mesmo do domínio do princípio alfabético e pode ser estimulada por meio de atividades que convidem a criança a refletir sobre os sons das palavras, distinguindo significante e significado. global das palavras.

## **2.2. Propostas didáticas para a apropriação do SEA**

Certas palavras se tornam fixas para um estudante quando ele as reconhece de memória e tenta reproduzi-las com base no que decorou sobre as letras que as formam e sua disposição. Essa fixação resulta da exposição contínua e do ato de registrar repetidamente a palavra. Isso nos leva a compreender que outras palavras na sala de aula podem se tornar "fixas" para um aluno, sendo essa uma estratégia pedagógica relevante para auxiliá-lo na aquisição de uma palavra como estável (Morais, 2012)

Segundo o autor, quando as crianças "fixam" ou armazenam em suas memórias a representação de certas palavras, nós, que desejamos apoiá-los na compreensão do SEA, temos à disposição valiosos recursos para estimular a análise de diversas características do SEA.

Recentemente, todos os materiais de alfabetização aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) começaram a incluir um encarte com as letras do alfabeto, apresentadas em quantidade adequada para que as crianças possam formar palavras. Consideramos essa uma iniciativa positiva do MEC e os educadores devem utilizar esse recurso de maneira eficaz.

O alfabeto móvel, seja com cartelas de papel, letras de plástico ou de madeira, oferece ao estudante uma oportunidade bastante rica de experimentar diferentes escolhas na hora de escrever. Como as letras já estão prontas e à sua disposição, o esforço motor para traçá-las é reduzido, embora, não haja problema em copiar as palavras que vão sendo formadas.

As atividades de montar e desmontar palavras, sejam elas completas ou incompletas, se beneficiam bastante dessas possibilidades que o material

proporciona. É possível montar e desmontar palavras várias vezes, construindo e destruindo essas palavras, transformando-as em objetos especiais dentro desse universo. Esses objetos ganham uma materialidade concreta, pois as letras ocupam um espaço que aumenta à medida que a palavra vai sendo formada.

Não há problema em que, em várias situações, as crianças sejam convidadas a copiar no caderno ou em outro suporte as palavras que estão formando. Além de valorizar a importância de escrever com as próprias mãos, esse exercício pode criar uma oportunidade interessante: pedir que, no caderno, elas escrevam as palavras usando letra cursiva. Além de praticar o movimento necessário para escrever assim, a criança também vive a experiência de buscar formas diferentes para as palavras que criou usando as letras do alfabeto móvel.

Para ajudar na fixação da relação entre grafema e fonema, garantindo que o aluno consiga ler e escrever de forma mais independente, podem ser realizadas atividades como:

- a) Atividades de Leitura de palavras, seja por meio de exercícios tradicionais ou jogos educativos. Por exemplo, transformar palavras mudando uma única letra: de bola para mola, de gola para sola, e assim por diante.
- b) Atividades que envolvem a leitura de frases e textos. Por exemplo, ler trava-línguas menos conhecidos e criar (para serem apresentados aos colegas e à professora) pode ser uma experiência interessante que combina leitura, produção de textos curtos e humor.
- c) As atividades de escrita de palavras devem ser realizadas tanto em tarefas escolares convencionais quanto em jogos.

As cruzadinhas são um bom exemplo de proposta didática já que as crianças recebem como pista a quantidade de "casas" para a escrita das letras. Se as cruzadinhas usam imagens em vez de palavras a serem escritas na horizontal ou vertical, elas se tornam mais fáceis. Se quisermos tornar mais desafiador, utilizamos as palavras cruzadas sem imagens, mas com breves descrições que indicam o que deve ser inserido na sequência de letras de cada palavra (Morais, 2012).

As propostas apresentadas convergem para o que foi defendido nessa pesquisa de que a apropriação do sistema de escrita alfabética implica em uma

aprendizagem notacional, compreendendo o que a escrita representa e exigindo, portanto, uma atitude reflexiva e ativa pelos aprendizes da língua escrita.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se concluir que a apropriação da escrita alfabética é um processo gradual e complexo, que requer que o aprendiz desenvolva uma variedade de habilidades linguísticas e cognitivas. Segundo Magda Soares e Arthur Gomes de Moraes, aprender a escrever vai além de memorizar letras ou associar sons a grafemas; trata-se de entender a lógica do sistema de escrita e aplicá-la de maneira significativa em diversos contextos comunicativos.

Desse modo, a alfabetização deve ser compreendida como um processo de construção de conhecimentos a respeito do sistema alfabético, em conjunto com a utilização social da leitura e da escrita. Quando a escola oferece experiências que conectam a reflexão sobre o funcionamento da língua com práticas reais de letramento, isso favorece uma aprendizagem sólida, crítica e duradoura, incentivando o domínio da linguagem escrita e a autonomia do sujeito no mundo letrado.

## REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. - São Paulo: Atlas, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

MORAIS, Arthur gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. – São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1.ed.,4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.